

**Uma Experiência Utilizando Concepções de Aulas Abertas no
Ensino da Educação Física em uma Escola Pública.**

Guilherme Astolfi Caetano Nico



**Uma Experiência Utilizando Concepções de Aulas Abertas no
Ensino da Educação Física em uma Escola Pública.**

Monografia para obtenção do título
de licenciado em Educação Física
Exigência parcial para a disciplina MH-506
Orientador: João Batista da Silva Freire

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
Faculdade de Educação Física
Unicamp-2000

Dedicatória

Dedico esse trabalho:

- A minha família, meu pai, minha mãe e meus irmãos.
- A Tatiana Amato, minha namorada e também a pessoa que mais me motivou.
- Aos alunos da 8ª série B do ano de 2000, da escola estadual “Gustavo Marcondes”, que participaram e tornaram possível esta experiência.
- Aos meus colegas de curso e professores, que participaram desta minha jornada.

Em especial:

- A Thiago Astolfi Caetano Nico, meu irmão, que mesmo no andar de cima, sempre esteve junto de alguma maneira.

Índice:

Resumo – pág. 01

Introdução – pág. 02

Objetivo – pág. 03

Justificativa – pág. 04

Metodologia – pág. 08

Trechos das aulas – pág. 10

Interpretações – pág. 14

Considerações Finais – pág. 22

Referências Bibliográficas – pág. 24

Anexo

RESUMO

Pretendemos, com este trabalho, buscar evidências nos registros das aulas lecionadas com adolescentes, todos pertencentes a uma turma de 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública, no ensino da Educação Física. Evidências típicas que caracterizem aulas abertas, interpretando, a partir das situações verificadas nas aulas, tais características do ensino aberto, descrevendo as aulas vivenciadas na rede pública de ensino, nas condições reais que os professores encontram no dia a dia nas escolas públicas do Brasil, pontuando os sinais positivos, bem como os sinais negativos verificados nesta experiência com aulas abertas centradas no aluno, através da prática e relato das aulas, tendo como principal referencial teórico o trabalho do professor Hildebrandt que escreveu na Alemanha, juntamente com Laging o livro “Concepções Abertas no Ensino da Educação Física”.

Por princípio, o ensino aberto deve centrar sua atenção no aluno, ou seja, em seus interesses e necessidades. O aluno deve ser visto como sujeito do ensino e não como objeto, como agente histórico capaz de interferir na sua realidade. O processo de aprendizagem no ensino de aulas abertas privilegia situações pedagógicas onde o aluno deve aprender pela prática a dirigir suas próprias ações, a agir autonomamente, a decidir em conjunto e sozinho, aprender a agir de maneira cooperativa, criativa e comunicativa.

Nesta investigação, optamos pela abordagem **qualitativa da pesquisa**. Recorremos à caracterização dada por Ludke e André (1986), para justificar o porque da nossa escolha.

O trabalho foi realizado, na Escola Estadual Gustavo Marcondes, localizada à Rua Almeida Garret, n.º 787 – Taquaral – Campinas-SP.

“Há mais de um sonho em cada vida,
talvez tantos quanto se viva...
para mim o último é: saber”.
(Maurice Maeterlinch)

I) Introdução

Concepções abertas no ensino da Educação Física.

Por princípio o ensino aberto deve centrar sua atenção no aluno, ou seja, em seus interesses e necessidades. O aluno deve ser visto como sujeito do ensino e não como objeto, como agente histórico capaz de interferir na sua realidade. O processo de aprendizagem no ensino de aulas abertas privilegia situações pedagógicas onde o aluno deve aprender pela prática a dirigir suas próprias ações, agir autonomamente, a decidir em conjunto e sozinho, aprender a agir de maneira cooperativa, criativa e comunicativa. Onde o aluno participa do planejamento, com sugestões, idéias e tomada de decisões na solução das tarefas e problemas apresentados.

O professor tem o papel de propor situações que possibilitem aos alunos o pensar sobre suas ações, além de agir refletindo no porquê fazer e como fazer de maneira mais eficaz e, por que não dizer, inteligente e criativamente, sem perder de vista objetivos e conteúdos. Este é o papel facilitador do professor no processo de aprendizagem utilizando concepções abertas: possibilitar situações que se tornem concretas nos diversos aspectos da vida do aluno, indo além do senso comum, mantendo os objetivos e conteúdos em mente buscando o direcionamento para alcançá-los, criando situações de ensino fundamentadas numa orientação de ação comum, constituída por suas intenções e pelos objetivos de ação dos alunos; transmitindo de modo que deixe espaço para o jogo de ações, abrindo aos alunos a possibilidade de agirem autonomamente, visando a criatividade, a comunicação e a cooperação, tornando o aluno sujeito do próprio processo de aprendizagem. Esperando que os alunos aprendam a tomar consciência do que fazem na escola, colocando objetivos para si e organizando sua própria aprendizagem. O decidir-se sozinho por alguma coisa requer processos de discussão e reflexão, sendo parte fundamental deste processo.

“Os alunos, nessa concepção precisam ter a possibilidade de formar autonomamente grupos, preferencialmente em pequenos grupos, sendo parte da metodologia e um meio efetivo para solução de problemas durante a aula e que se transportam para solução de problemas fora da escola. Estas situações, seus desdobramentos e variações devem ser estimulados pelo professor e promovidos através do processo de ensino. O professor deve permitir o agir autônomo, o trabalho em grupos, formados por associação espontânea, o agir criativo, aceitar mudanças de acordo com interesses, necessidades, e motivações dos alunos”. (Hildebrandt e Laging. 1986: 01 à 44)

II) - Objetivo

Pretendemos, com este trabalho, buscar evidências nos registros das aulas lecionadas com alunos todos pertencentes a uma turma de 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública, no ensino da Educação Física. Evidências típicas que caracterizem aulas abertas, interpretando, a partir das situações verificadas nas aulas, tais características do ensino aberto, descrevendo as aulas vivenciadas na rede pública de ensino, nas condições reais que os professores encontram no dia a dia nas escolas públicas do Brasil, que não carecem ser citadas aqui, pontuando os sinais positivos, bem como os sinais negativos verificados nesta experiência com aulas abertas centradas no aluno, através da prática e relato das aulas, tendo como principal referencial teórico o trabalho do professor Hildebrandt que escreveu na Alemanha, juntamente com Laging o livro “Concepções Abertas no Ensino da Educação Física”.

Acreditamos, também, que um objetivo mais genérico deste trabalho é o de contribuir com a Educação Física relatando nossa experiência, auxiliando na busca de legitimar a mesma como disciplina escolar que possui um corpo de conhecimento próprio e desta maneira justifique, como disciplina, a Educação Física (Educação Motora) no âmbito escolar, popularizando cada vez mais esta tendência no ensino da Educação Física brasileira.

III) - Justificativa

Por que aulas abertas? Sob a concepção de aulas abertas, podemos resumir as concepções de aulas centradas no aluno (no processo, na problematização e na comunicação). Aulas abertas são aquelas em que o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido de suas ações. Isto significa que os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar suas experiências, que resultam das suas histórias individuais. Por isso, os temas das aulas devem ser variados e com a complexidade que os múltiplos aspectos da vida comportam, abertos aos interesses e experiências que os alunos adquiriram nas suas histórias pessoais. Nas aulas abertas os alunos constroem junto um campo de concretização de novas relações, de novos significados e ações que ultrapassam a vida escolar e permitem a expansão e a transcendência, isto é, sair de si e buscar o outro, o mundo. Aulas abertas significam a concretude de posições filosófico-políticas e pedagógicas, no sentido de participação efetiva no processo de superação histórica. No sentido de busca das transformações sociais. (Grupo de Trabalho Pedagógico. UFP/UFSM,1991:33 à 52).

Acreditamos ser este o caminho, aulas abertas, para se educar respeitando os alunos, atingindo os objetivos, permitindo, possibilitando, querendo bem o educando, buscando autonomia, criatividade e qualidade do ensino da Educação Física.

Portanto, faz-se necessário por parte do professor a adoção de atitudes facilitadoras no processo de construção do conhecimento como fator determinante para a criatividade, a autonomia e a participação consciente do aluno no processo decisório da aula.

Após estas colocações conceituais, acreditamos já ter justificado a escolha do tema, pois a Educação Física necessita de mudanças. Entendemos que aulas que possibilitem o construir do conhecimento pelo aluno, que possua conteúdo, mantenha a motivação, que reconheça o aluno como sujeito do processo, promova sua participação ativa nas decisões durante a vida escolar e valorize a cultura, a realidade e o conhecimento do aluno, que mostre e crie elos de ligação com o real, com a vida do cotidiano do aluno, que antes de tudo é um ser humano que vive em sociedade, seja um ideal a ser seguido. As concepções de aulas abertas centradas no aluno podem contribuir em muito para melhorar as aulas de Educação Física que tanto carecem de fixar novas iniciativas.

Escolhemos o relato desta experiência como tema para monografia de final de curso porque acreditamos ser a concepção de aulas abertas uma alternativa adequada para o ensino da Educação Física escolar e é o que queremos verificar, diante da atual situação da disciplina no contexto educacional, aceitando mudanças no nosso modo de pensar e agir, como professores e como pessoas, mudanças que julgamos indispensáveis para nossas condutas.

A situação da Educação Física escolar, de falta de prestígio e legitimidade, levou os estudiosos a apontarem saídas, inclusive a de sugerir outra denominação, por exemplo, Educação Motora, como o ramo pedagógico da ciência Motricidade Humana, apresentada nas discussões publicadas no livro "Pensando a Educação Motora" (Ademir de Marco, org.). O professor Manuel Sérgio trabalha mais detalhadamente a questão no seu livro "Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?". Trata da definição da Educação Motora e a evolução do conceito também apresentada por Jean Le Boulch autor que fala da Psicomotricidade, estando esta centrada na proposição de um repertório diversificado de atividades motoras direcionadas

para o desenvolvimento e aprimoramento das estruturas psicomotoras de base (conscientização e domínio do corpo, desenvolvimento do esquema

corporal, domínio coordenado dos gestos e movimentos, refino das discriminações sensório-motoras, estruturações espacial e temporal, dentre outros componentes). Trata-se de um modelo pedagógico fundamentado na interdependência do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo.

Existem inúmeros problemas na atual Educação Física escolar, além da própria legitimação, como: formação profissional inadequada, falta de atualização, ausência de grupos de estudo dentro da própria escola entre os professores da área, ênfase nas modalidades esportivas, na aptidão física, baixos salários, material e espaço inadequados ou ausentes, grande número de alunos por turma, descaso com a disciplina, descompromisso, preconceitos dos mais variados tipos, excesso de carga horária, além do caos da própria educação.

Diante desse quadro, o que fazer?

Há muito que fazer e sempre haverá. Temos que buscar a solução para cada um dos problemas, ou alguns deles e até mesmo um por vez, o mais necessário dentro da sua realidade. É mister que a aula seja agradável, mais que isto, por se tratar de aula, ensine, e o ensinar deve ser prazeroso e ter rigorosidade metódica, mas não alienante, pelo contrário. Faço nossas as palavras do escritor Paulo Freire em seu livro 'Pedagogia da Autonomia'... **“Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente... enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”**.(1996:55).

A educação é o ensinar para a vida, a escola não pode ser tão diferente do resto do fora da escola, a ponto de o aluno não conseguir estabelecer ligações com a realidade em que vive; por isso acreditamos na concepção de aulas abertas. Aulas abertas à experiência, valorizando o aluno e o seu repertório motor e cultural, considerando que acima de tudo o aluno é um ser com afetividade e conhecimentos muitas vezes formados fora da escola e a escola parece não permitir que o aluno seja ele mesmo, não respeitando as diferenças, fazendo com que a “cultura de massa” prevaleça.

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, contribuem para uma função alienante. Nós professores temos que utilizar a força desse meio a nosso favor. Ensinar o aluno a ler o texto televisivo (Betti, 1988: 37 á 40.). Aqui lembramos um texto trabalhado na disciplina de didática que dizia da professora que não permitia que a aluna pintasse uma flor à sua maneira. Falava a professora: “Assim não, o caule não é roxo é verde e a flor não é azul é vermelha”, até conseguir condicionar a criança a pintar a flor à sua maneira (caule verde e flor vermelha). Assim tem sido em muitos lugares. Torrance (1971:127) menciona que as crianças, à medida que prosseguem na escola, diminuem sua curiosidade e seu entusiasmo em aprender e que a mentalidade do professor seria um fator determinante. Crianças que, por longos anos, se submeteram a realizar única e exclusivamente o determinado pelos professores encontram dificuldades em agir com autonomia.

Considerações de autores, que auxiliam a justificar aulas centradas no aluno no ensino da Educação Física:

“O importante é desenvolver aptidão para aprender, e não o saber. É a autodescoberta, ou seja, o aprender a aprender, consagrando o princípio da não-diretividade”.(Coletivo de autores,1992:128).

“A facilitação da aprendizagem é a tarefa essencial do professor (educador), o possibilitar situações de ensino-aprendizagem, direcionando ao objetivo e interesses dos próprios alunos é o papel do professor na concepção de aulas abertas.”(Coletivo de autores, 1992:129).

“... não se trata de transmitir um conhecimento, simplesmente para o aluno de forma diretiva, mas sim possibilitar situações que permitam a construção do conhecimento pelos próprios alunos, através de tentativas de êxito e erro na solução de problemas e tarefas”.(Freire,João,1989:70).

“Como fazer, vinculado ao porque fazer supere o senso comum, a realidade social, criatividade pedagógica, a estimulação de atos criativos simples e complexos nas aulas de Educação Física, com o objetivo pedagógico de capacitar o aluno de ter autonomia e conscientemente ser responsável pela sua vida futura, em especial pelo seu tempo livre, bem como seu agir esportivo”.(Taffarel,Celi,1985: 14).

“Ação pedagógica não-diretiva, aumentar o referencial crítico cultural dos indivíduos. Sua finalidade é socializar os indivíduos na dinâmica social...” (De Marco, Ademir,1995: 71).

“O aluno pode diante das atividades representadas mover-se de acordo com seu potencial, sem ultrapassar seus limites para o momento”.(Freire, João, 1989: 141).

“Procura-se, apresentar um princípio orientado para prática, isto é, fundamentado sobre as decisões que entram no ensino. Assim, aspira-se a se fazer jus à pretensão da escola e do ensino da Educação Física. Este princípio, a ser caracterizado como prático de decisão, considera, até onde for de importância, a discussão atual sobre o ensino aberto ou orientado no aluno, a participação dos alunos no planejamento e na execução do ensino, a promoção da capacidade criativa, cooperativa e comunicativa, a subjetivação do ensino, etc”. (Hildebrandt e Laging, 1986: 1 à 7).

“O ensino da Educação Física deve capacitar os alunos a tratar de tal modo os conteúdos esportivos nas mais diversas condições dentro e fora da escola, que estejam em condições de criar, no presente ou no futuro, sozinhos ou em conjunto, situações esportivas de modo crítico, determinadas autonomamente ou em conjunto”. (Idem).

“O ensino da Educação Física é a construção de situações em que se tornam possíveis experiências específicas para a superação de situações de vida presentes e futuras”. (Idem).

“Aqui o aluno se torna sujeito de seu próprio processo de aprendizagem”. (Idem).

IV) - Metodologia

Inicialmente realizamos levantamento bibliográfico sobre o assunto, metodologias que trabalham com as concepções de aulas abertas no ensino da Educação Física.

Relatamos nossa experiência no ensino da Educação Física em um bairro na cidade de Campinas, onde utilizaremos concepções de aulas abertas centradas no aluno, buscando desenvolver principalmente criatividade e autonomia, através do trabalho desenvolvido preferencialmente em grupos. Onde a comunicação entre os alunos e o professor se dará de modo informal.

Anotamos as aulas em um diário, logo após o decorrer de cada sessão, contendo a descrição da aula. O registro se dará também através de fotos das atividades a maioria delas realizadas ao ar livre. Posteriormente realizaremos levantamento, destacando os trechos das aulas que caracterizam aulas abertas, seguindo, analisaremos os trechos encontrados na descrição das aulas tendo como referencial teórico o livro “Concepções Abertas no Ensino da Educação Física”(Hildebrandt e Laging).

Inicialmente as aulas começaram com temas e tarefas sugeridas pelo professor, mas buscando fazer com que os alunos tomem iniciativa de acordo com seus interesses e motivações. Utilizaremos um quadro portátil para a anotação das sugestões de atividades, soluções de problemas, anotações de regras, etc. O diário de aula teve a descrição das aulas, seu desenrolar, tentando pontuar os aspectos positivos e negativos, temas e organizações surgidas durante a aula e as características que evidenciem o ensino aberto centrado no aluno. Para a avaliação, utilizaremos auto-avaliação e participação nas aulas, mas que não fazem parte deste trabalho.

Em Educação Física, mais do que nunca é preciso investigar. Nesta investigação, optamos pela abordagem **qualitativa da pesquisa**. Recorremos à caracterização dada por Ludke e André (1986), para justificar o porquê da nossa escolha.

A pesquisa qualitativa traz consigo algumas características, segundo os autores, citadas em “*Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*”, (1986: 11 à 13) como:

01 – *Ela supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação, que esta sendo investigada.*

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados. O pesquisador deve presenciar o maior número de situações em contato direto com o que pretende verificar, no caso, relatar uma experiência utilizando concepções de aulas abertas no ensino da Educação Física em uma escola pública, onde buscaremos evidências durante o decorrer das aulas que caracterizam o ensino aberto.

02 – *Na pesquisa qualitativa, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.*

O nosso interesse, era relatar a experiência com aulas abertas no ensino da Educação Física e verificar como estas aulas motivam, estimulam, os alunos a participarem das atividades da disciplina de forma espontânea de acordo com seus interesses e através da tomada de decisões, diante de situações como as que ocorrem na realidade cotidiana, decidindo seus caminhos e assim esperamos que prossigam em suas vidas fora da escola.

03 - Na pesquisa qualitativa, as questões ou focos de interesse são, a princípio, muito amplos, tornando-se ao final do estudo, mais diretos e específicos.

Buscamos verificar se ocorreria a identificação com a concepção utilizada, se seria produtivo, justificável e o mais importante se seria prazeroso trabalhar desta maneira. Pontuando os aspectos positivos, bem como os aspectos negativos verificados no decorrer da experiência diante da realidade de uma escola pública brasileira, na cidade de Campinas.

Dentro desse contexto, o método escolhido para a investigação foi a observação, na perspectiva do **observador como participante**. Nesta modalidade de pesquisa, o pesquisador participa ativamente do processo de investigação, revelando ao grupo a sua identidade e os objetivos dos estudos desde o início (Ludke e André, 1986: 29).

Os alunos que participaram são adolescentes todos pertencentes a uma classe de oitava série do ensino fundamental, de uma escola pública localizada na cidade de Campinas. As aulas ocorreram no segundo semestre de 2000, num total de 12 (doze) sessões com duração de 50 (cinquenta) minutos cada uma, com a frequência de 2 (duas) aulas semanais. Os instrumentos de registro foram uma câmara fotográfica e um diário com dia, local, e demais observações no decorrer das aulas.

Portanto, a iniciativa foi a de relatar e documentar nossa experiência frente à concepção de aulas abertas no ensino da Educação Física em uma turma de 8º série do ensino fundamental, mais precisamente com a 8º série B da escola “Gustavo Marcondes”, no período matutino, turma mista com 20 meninos e 20 meninas na faixa etária entre 13 e 16 anos de idade, de classe social média baixa e baixa. Aulas de segunda e quinta-feira, tendo como espaço, um campo de futebol, uma quadra poliesportiva, o pátio da escola, sala de aula tradicional. Material tradicional disponível: poucas bolas (uma de futebol, uma de vôlei, duas de basquete, três de handball, alguns arcos de metal, jogos de mesa, dama e xadrez em número reduzido e uma mesa de ping-pong, mini-tramp e um plinto). Utilizaremos todo o espaço escolar e também materiais não tradicionais, trabalhando os conteúdos da cultura corporal.

A escola fica situada à Av. Padre Almeida Garret, n. 787, bairro Taquaral, bairro nobre, mas que atende principalmente os moradores de bairros de classes populares próximos da escola na cidade de Campinas. Relataremos a experiência vivenciada nas aulas referentes ao trimestre Agosto/Setembro/Outubro de 2000.

Trechos das aulas que caracterizam “aulas abertas”

Primeira Aula:

_ Como podemos jogar? Inventem jogos onde todos possam jogar ao mesmo tempo, utilizando uma bola de plástico, tipo bola dente-de-leite.

Cada grupo apresentou suas idéias, sugestões de atividades, que foram anotadas em um quadro portátil. Cada grupo sugeriu apenas uma atividade. Rapidamente todos em conjunto decidiram por praticar uma das atividades sugeridas.

...foram ocorrendo situações que necessitavam de regras, os participantes rapidamente as determinavam.

...somente sugerimos em determinado momento que só as meninas poderiam pontuar.

Segunda Aula:

Passamos a tarefa para o grupo do Sérgio, dizendo: como podemos jogar com esta bola, de modo que todos participem?

Foi sugerido um futebol de mãos, a turma dividida em dois times e começaram logo a jogar. As regras foram criadas durante o jogo...

Pedimos para que os alunos pensassem o que gostariam de fazer nestas aulas para discutirmos na próxima aula.

Terceira Aula:

Pedimos aos grupos que expressassem suas opiniões, quanto mais sugestões melhor seria para a continuidade das nossas aulas.

As sugestões foram: jogar vôlei, queimada, ping-pong, não fazer nada.

Então sugerimos para fazermos todas as atividades em forma de circuito (inclusive não fazer nada).

A idéia foi aceita, mas jogamos muito pouco. Devido a um forte vento tivemos que mudar a atividade.

E passamos a tarefa para o grupo do Lucas (mas sempre todos podem opinar):
_ Como poderíamos jogar de modo que todos participem com apenas uma bola?

Mais uma vez o grupo sugeriu um jogo semelhante ao handball com algumas modificações.

Todos os demais concordaram..

O jogo começou com as meninas com menos movimentação, até propormos que os pontos deveriam ser concluídos pelas meninas.

Quando dissemos que o plinto não era só um obstáculo no centro da quadra, sendo agora o alvo do jogo...

Decidiram que, se acertassem a bola valeria dois pontos e a face correspondente a cada equipe apenas um ponto.

Quarta Aula:

Conversamos sobre as aulas passadas, e como deveríamos continuar. Há um consenso de que devemos continuar do mesmo modo que estamos fazendo.

Após uns sete minutos, passamos o recado para pensarem e colocarem em prática, jogos que depois poderíamos jogar com a participação de todos. Deixamos que praticassem por mais dez minutos...

Concordaram em praticar o jogo proposto pelo grupo do Alex.

... sugerimos que colocássemos as gavetas dos plintos em cada área como alvos, sem goleiros e a área não poderia ser invadida. A proposta foi aceita, demos início ao jogo.

O jogo é uma tradicional “pelada” de futebol. Mais uma vez as meninas não recebem com frequência a bola, então entregamos uma bola para elas e dissemos que agora tínhamos duas bolas em jogo, e logo em seguida colocamos a terceira bola em jogo.

Quinta Aula:

Deixamos o jogo continuar, mas pedimos que o restante dos meninos também jogue, não importando o número de jogadores.

As meninas ficam de fora e conversamos com elas, sobre o que poderíamos fazer, pedimos sugestões de atividades em grupo, as idéias surgem, mas não há consenso, sugerem desde não fazer nada, até jogar basquete ou vôlei.

...concluem que gostariam de jogar basquete. Sugerimos que joguem simultaneamente com os meninos, no mesmo espaço físico.

Após conversa com os meninos acordamos em jogar juntos. As regras de convivência e interferência entre os jogos são discutidas durante o decorrer da atividade,...

Sexta Aula:

Então mudamos o planejado, vamos para a quadra. Abrimos para o grupo da Fernanda a proposta:

_Proponham atividades que possamos jogar todos juntos...

Após um diálogo com todos e uma certa dificuldade para iniciar a atividade, conseguimos doze duplas. Jogaremos seis duplas contra as outras (todas as duplas formadas são mistas).

Em uma breve parada, sugerimos ao nosso time posições mais definidas na quadra, e também sugerimos que buscassem melhor entrosamento entre as duplas.

Algumas alterações são sugeridas pelos alunos. Combinam que só as meninas podem marcar.

Sétima Aula:

... onde o grupo formado só por meninas, não quis expor o que haviam lido, com uma certa vergonha, o que respeitamos, mas de um modo geral a classe ironiza a situação. Em todos os temas colocamos nossa opinião.

Oitava Aula:

Sugerimos que jogássemos com o que possuíamos, ou alguma atividade que não necessita de material.

Foi proposto por algumas meninas, uma brincadeira, que nos serviu de aquecimento. Chama-se "Pezinho".

...pedimos para que sugerissem como poderíamos jogar com o que dispúnhamos. Iniciamos com a bola sendo chutada aleatoriamente, corriam para apanhá-la e chutá-la novamente e assim sucessivamente. Então, sugerimos que jogássemos em dois times e dentro da quadra.

sugerem que mudemos de atividade. Resolvemos mudar...

O objetivo do jogo proposto era, através de passes entre seus parceiros, acertar a bexiga...

Nona Aula:

Sugerimos... pedindo que os alunos mostrem posições de alongamento que conhecem...

Cada aluno busca fazer a atividade que mais lhe agrada, formando grupos que jogam peteca, taco, 21 no basquete e forma-se no centro da quadra um círculo que joga com a bola de vôlei...

Já tomaram a iniciativa de forma espontânea e assim também mudavam de atividade livremente.

Deixamos com que praticassem livremente, só sugerimos que procurassem vivenciar o maior número de atividades possível de acordo com sua vontade e motivação.

Décima Aula:

Começamos a parte prática com os alunos decidindo o que queriam realizar. A cada aula os alunos estão percebendo cada vez mais, como devemos proceder com liberdade e buscam com autonomia o que querem fazer.

...jogaram livremente, alguns jogos com variações que surgiam no grupo.

Sugerimos que façam rodízio entre as atividades, alguns alunos livremente já mudavam de acordo com sua vontade.

Interessante foi observar que os alunos mais aptos explicavam técnicas e regras aos interessados em aprender o como fazer...

Passávamos em todas as atividades participávamos e sugeríamos que eles buscassem melhorar sempre o jogo.

Décima Primeira Aula:

As meninas dizem que faz muito tempo que não jogam vôlei, apesar da resistência de alguns meninos, que como sempre querem jogar futebol. Acatamos o pedido das meninas e montamos a rede de vôlei, alguns meninos não querem participar e solicitam a mesa de ping-pong...

...decidindo as regras do jogo em conjunto sem maiores problemas...

Então sugerimos que busquem soluções.

_ Como podemos jogar para que haja troca de bola?

_ Muita gente não sabe tocar. Diz um aluno.

_ E se pudesse segurar a bola? Sugere uma menina.

_ Assim não tem graça. Rebate outro garoto.

_ Digo que pode ser a solução e proponho que tentem jogar assim para ver o que vai sair.

Então voltam a jogar. Aqueles que querem podem segurar rapidamente a bola para depois passa-la.

_ Vamos jogar até cinco. É a sugestão dos alunos.

Décima Segunda Aula:

Hoje, começamos deixando livre para praticarem, o que quiserem.

Saem brincando livremente pelos espaços da escola.

Perguntamos o que devemos fazer antes de iniciarmos uma atividade física. Respondem que devemos fazer alongamento e aquecimento.

Escrevemos no quadro as sugestões. Alongamento, aquecimento, basquete coletivo.

Começamos pedindo para que cada um mostrasse exercícios de alongamento, que conhecessem e completamos a serie.

Após o alongamento, começamos uma brincadeira de “pega-pega” sugerida, por algumas alunas. Sugerimos que poderíamos fazer “pega marchador” sobre as linhas da quadra, depois dissemos que era “pega ajuda”, e por último, foi sugerido um “pega corrente”.

Quando interrompemos e perguntamos como poderíamos jogar sem que isto ocorresse, todos de uma só vez atrás da bola. Foi sugerido que não se poderia manter a posse da bola, deveriam após recebe-la passa-la rapidamente, não valia mais bater a bola (só para domina-la). Após cinco minutos de jogo, houve a necessidade de sugerirmos mais uma vez que os pontos marcados por meninas valessem mais que os dos meninos, concordaram e as cestas das meninas valeriam quatro, enquanto as dos meninos apenas dois pontos.

INTERPRETAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ENCONTRADOS NAS AULAS, QUE CARACTERIZAM AULAS ABERTAS, TENDO COMO REFERENCIAL TEÓRICO O LIVRO “CONCEPÇÕES ABERTAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA”. (Hildebrandt, R., Laging, R.)

Durante esta experiência, vivenciamos situações de aulas que tipificam aulas abertas. Os trechos extraídos das aulas evidenciam aulas abertas centradas no aluno. Analisando cuidadosamente os trechos, observamos as características que tipificam o ensino aberto, como: tomadas de decisão, autonomia, cooperação, construção de jogos e regras.

Foi uma constante, durante as aulas, presenciar tomadas de decisão pelos alunos, o que é uma característica do ensino aberto, de acordo com o referencial teórico que legitima tal concepção. Como observamos nos trechos (Extraídos das aulas):

Cada grupo apresentou suas idéias, sugestões de atividades, que foram anotadas em um quadro portátil. Cada grupo sugeriu apenas uma atividade. Rapidamente todos em conjunto decidiram por praticar uma das atividades sugeridas . (Primeira Aula).

A idéia foi aceita, mas jogamos muito pouco. Devido a um forte vento tivemos que mudar a atividade. (Terceira Aula).

Decidiram que, se acertassem a bola valeria dois pontos e a face correspondente a cada equipe apenas um ponto. (Terceira Aula).

Algumas alterações são sugeridas pelos alunos. Combinam que só as meninas podem marcar. (Sexta Aula).

...decidindo as regras do jogo em conjunto sem maiores problemas... (Décima Primeira Aula).

Como considera Hildebrandt: “O ensino da Educação Física deve capacitar os alunos a tratar de tal modo os conteúdos esportivos nas mais diversas condições dentro e fora da escola, que estejam em condições de criar, no presente ou no futuro, sozinhos ou em conjunto, situações esportivas de modo crítico, determinadas autonomamente ou em conjunto”.(Idem: 05).

É evidente que tais decisões devem ser tomadas dentro de objetivos, conteúdos, meios de transmissão e autonomia crítica. O modo de transmitir deve deixar espaço para o jogo de ações, abrindo aos alunos a possibilidade de agir com autonomia, visando desenvolver a criatividade, a comunicação, a cooperação e estimulando a convivência, fazendo com que o aluno torne-se sujeito do seu próprio processo de aprendizagem. O que foi presenciado durante as aulas, como no trecho abaixo:

Interessante foi observar que os alunos mais aptos explicavam técnicas e regras aos interessados em aprender o como fazer... (Décima Aula).

De acordo com o autor, que cita MESSMER que afirma: “A fluência e a capacidade de ação social dos alunos, a que a escola aspira como um dos seus objetivos mais importantes, só poderam ser alcançadas quando os alunos aprenderem a tomar consciência daquilo que fazem na escola, a colocar-se objetivos e a organizar sua própria aprendizagem. Seria absurdo aceitar – do ponto de vista psicossocial e de aprendizagem – que, ao final de uma longa sequência, sem perder de vista objetivos e conteúdos, se pudesse implantar nos alunos autonomia e capacidade de decisão, determinados por processos de aprendizagem escolar estranhos a eles”. (Idem: 07).

Outra característica marcante observada foi a autonomia, entendendo a autonomia, como o processo onde os alunos decidem o que querem fazer. Como observamos nos trechos:

Cada aluno busca fazer a atividade que mais lhe agrada, formando grupos que jogam peteca, taco, 21 no basquete e forma-se no centro da quadra um círculo que joga com a bola de vôlei... (Nona Aula).

Já tomaram a iniciativa de forma espontânea e assim também mudavam de atividade livremente. (Nona Aula).

Deixamos com que praticassem livremente, só sugerimos que procurassem vivenciar o maior número de atividades possível de acordo com sua vontade e motivação. (Nona Aula).

Começamos a parte prática com os alunos decidindo o que queriam realizar. A cada aula os alunos estão percebendo cada vez mais, como devemos proceder com liberdade e buscam com autonomia o que querem fazer.(Décima Aula).

...jogaram livremente, alguns jogos com variações que surgiam no grupo. (Décima Aula).

Sugerimos que façam rodízio entre as atividades, alguns alunos livremente já mudavam de acordo com sua vontade. (Décima Aula).

Os alunos já possuem determinadas idéias, experiências prévias e interesses próprios em relação ao campo de ação da Educação Física e do esporte, mas que ficam em contradição quando tais ações lhes são impostas sem poder questioná-las. No ensino aberto buscamos adequá-las através da prática por tomada de decisão, com autonomia diante de seus interesses para o momento, de modo que o aluno utilize e possa valorizar suas experiências prévias vindas, na maioria das vezes, de fora da escola para o ensino da Educação Física dentro da escola (como a brincadeira pezinho, vivenciada na oitava aula), tornando-se assim mais compreensível para o aluno o que pretendemos desenvolver com essa disciplina. O aluno é tido como sujeito neste processo e desenvolve capacidade para decidir diante de situações cotidianas presentes e futuras.

Este processo propicia a convivência e estimula a cooperação, que também são características das aulas abertas e podemos encontrá-las descritas nos trechos vivenciados, conhecendo com o que descreve o autor: "...uma concepção de ensino aberta baseia-se na idéia de propiciar ao aluno possibilidades de co-decisão no grau de abertura do ensino da Educação Física." Continua o autor: "Numa concepção aberta de ensino solicita-se ao aluno que participe em conjunto nas decisões".(Idem: 11). O que também foi uma constante, a intervenção, durante as aulas, como nos trechos que seguem:

...sugerimos em determinado momento que só as meninas poderiam pontuar. (Primeira Aula).

Pedimos para que os alunos pensassem o que gostariam de fazer nestas aulas para discutirmos na próxima aula. (Segunda Aula).

Sugerimos que façam rodízio entre as atividades, alguns alunos livremente já mudavam de acordo com sua vontade. (Décima Aula).

Mostrando que a intervenção do professor se faz necessária. Portanto, a aula é direcionada, mas também aberta, centrando sua atenção no aluno.

A cooperação e a convivência verificadas nas aulas são de grande valia para a socialização e para diminuição da violência, porque o aluno presencia os efeitos da cooperação, do respeito mútuo e das vantagens comparadas a esforços individuais, tornando-se mais abertos ao convívio e ao trabalho em grupo. Por isso, privilegiamos nesta concepção a cooperação e o trabalho em grupo, estando suscetíveis a mudanças, inclusive, no próprio planejamento, que não é imóvel feito estátua, mas é dinâmico como deve ser a própria aula. Como considera o autor: "Aqui, em princípio, deve frisar que uma compreensão de ensino aberto, as discrepâncias entre o planejamento e a realidade não devem ser (intendidas) como um mau a ser evitado, mas como algo positivo ou mesmo necessidade indispensável, pois tal ensino vive dos processos de aprendizagem em desenvolvimento, no qual o aluno torna-se gradativamente sujeito. Um ensino deste tipo requer a transparência de competências de decisão para o aluno, isto é, que o aluno participe das decisões, na orientação de objetivos, de conteúdo, de organização de transmissão ou de outros aspectos". (Idem: 11).

Continuando: "... as concepções de ensinos são abertas quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão". (Idem: 15).

Completa ainda o autor: "O ensino não é mais planejável quando as situações são planejadas e executadas em conjunto entre professor e alunos ou mesmo pelos próprios alunos. Somos, no entanto, de opinião que também isso é ensino planejado e conscientemente iniciado. Aqui o aluno obtém possibilidades de co-decisão que são características das concepções abertas".(Idem: 15).

A liberdade nas aulas respeita a vontade dos alunos, sempre recordando que se trata de uma liberdade onde há intenção, direção e objetivo. A intenção é a de trabalhar as questões inerentes ao conteúdo da disciplina, a direção é no sentido de atingir as intenções e o objetivo de desenvolver cooperação, autonomia, tomadas de decisão e trabalho em equipe, buscando desenvolver o prazer e o hábito pela atividade física consciente, pelo saber, objetivando a capacitação e formação humana, com consciência da importância dos objetivos e dos conteúdos.

Cita o autor: "... que propicie situações pedagógicas em que o aluno deve aprender a dirigir suas próprias ações, questionar as regras do esporte e de seu âmbito de transmissão aprender a agir

autonomamente, a decidir em conjunto e sozinho, aprender comunicativa, cooperativa e criativamente,...". (Idem: 19)

O respeito pela vontade dos alunos e, acima de tudo, também pela pessoa dos alunos, mostrou-se eficaz para um bom relacionamento, deixando espaço para o planejamento em conjunto com o grupo. Fazendo crescer o respeito pela disciplina e o prazer pelas atividades em grupo, com isto esperamos que se desenvolva o prazer pelo movimento, o gosto pela atividade física.

Não impor atividades, não obrigar a participação, estar aberto a mudanças, o planejamento em conjunto, deixando espaço livre, são características de aulas abertas observadas principalmente nas aulas, nove, dez e doze, que valorizam o aluno:

Já tomaram a iniciativa de forma espontânea e assim também mudavam de atividade livremente. (Nona Aula).

Deixamos com que praticassem livremente, só sugerimos que procurassem vivenciar o maior número de atividades possível de acordo com sua vontade e motivação. (Nona Aula).

Começamos a parte prática com os alunos decidindo o que queriam realizar. A cada aula os alunos estão percebendo cada vez mais, como devemos proceder com liberdade e buscam com autonomia o que querem fazer. (Décima Aula).

...jogaram livremente, alguns jogos com variações que surgiam no grupo. (Décima Aula).

Hoje, começamos deixando livre para praticarem, o que quiserem. (Décima Segunda Aula).

Saem brincando livremente pelos espaços da escola. (Décima Segunda Aula).

Permitindo que estes vivenciem quando surjam, durante as situações de aula a competição, a construção do jogo, a busca pelo êxito, experimentando o erro, fazendo com que os alunos decidam diante de suas vontades, interesses e necessidades, o que mais lhes agrada e com isto caminhamos ao encontro dos nossos objetivos. O professor tem o papel de direcionar, de possibilitar, buscando com que os alunos percebam e participem ativamente do processo de construção do planejamento das aulas. Esperando que o aluno leve essas contribuições para fora da escola que também é um papel de exercício das funções do professor. Almejando que o ensino aberto na Educação Física torne os alunos abertos para situações em suas vidas. Como pondera o autor: "Voltar à atividade física educacional para a individualidade, os interesses e as necessidades dos alunos e não apenas prendê-lo às normas de conteúdos e objetivos de aprendizagem quase sem fundamento". (Idem. Sumário: IX).

A maior dificuldade encontrada no trabalho com uma turma da 8ª série é que os alunos, após vários anos na escola, já estão acostumados a uma Educação Física que na maioria das vezes não existe, quando o desejável seria que desde o primeiro ano escolar os alunos fossem considerados capazes de aprender ativamente, decidindo, sendo valorizadas suas experiências extra-escolares e não somente as impostas pela escola em um ensino totalmente fechado.

As dificuldades iminentes a qualquer aula, os problemas encontrados no ensino público, não podem servir de argumentos para que a aula praticamente não exista, ao mesmo tempo, que os estudantes se acostumam a esta tendência de aulas vazias, principalmente nas aulas de Educação Física, mas na sua maioria os alunos estão sedentos por aprender coisas novas, motivantes, interessantes, em aulas de verdade, que estimulam o pensar e assim ensinam, através da participação ativa e o construir da aula.

Há que se encontrar a medida certa entre o sério e o lúdico, entre o permitir e o coibir, entre o prazer e a obrigação rotineira, entre a disciplina e a bagunça desejável, com menos críticas e mais vivências, de nada vale saber fazer sem compreender o fazer, ainda desvinculado do porque fazer. Isto implica liberdade, independência, autonomia, possibilidades, fazer por si próprio. O que se espera é uma escola mais aberta à realidade e que não perca nunca o seu papel de educar, de promover o convívio, tendo como resultado pessoas mais criativas, críticas, inteligentes, humanas, com participação ativa na sociedade.

Durante esta experiência, ficou claro que os diálogos, a possibilidade de agir, foram aos poucos superando as dificuldades iniciais. Como no trecho abaixo da quinta aula:

As meninas ficam de fora e conversamos com elas, sobre o que poderíamos fazer, pedimos sugestões de atividades em grupo, as idéias surgem, mas não há consenso, sugerem desde não fazer nada, até jogar basquete ou vôlei.(Quinta Aula).

O resultado foi um agir independente, com tomada de decisão levando à construção de situações pedagógicas através de jogos, e a construção da aula em conjunto. A autonomia levou a críticas, quanto ao querer ou não querer fazer, como e porque fazer (mais perceptível na décima primeira aula), de modo criativo, fazendo com que os alunos aprendam a se entender em suas respectivas situações, sobre conteúdos, formas de organização e comportamento em suas práticas físicas, sem estarem presos a modelos de ação, regras ou normas preestabelecidas e que aprendam a não se bitolarem pelas instalações e regras existentes, permitindo a participação de todos e que o esporte tradicional não imponha de que forma praticaremos nossas atividades na escola e também fora dela. Como ocorreu na oitava e na nona aula, quando não tivemos acesso a sala de materiais esportivos e mesmo assim construímos a aula.

Estando de acordo com o autor: “Os conteúdos são, para o aluno, formas de aparecimento e de ações esportivas modificadas, conhecimentos, adequações, e manutenção de valores. O ensino só se reporta ao sujeito quando os conteúdos são concebidos no sentido de uma situação de aplicação subjetiva”. (Idem: 23).

O conteúdo das aulas possibilitou uma atmosfera de vivências muito rica, do poder-fazer possibilitando a automação das aulas pelos alunos, promovendo a interação, a convivência e a comunicação, diante das situações que surgiram naturalmente durante o decorrer das aulas. O professor neste sentido tem o papel de preparar as situações de aula, de tal maneira que estimulem os alunos a agirem e que problemas e questionamentos dos alunos possam ser resolvidos por eles mesmos, com base na condição do poder-fazer, de suas experiências e sugestões. (como podemos observar em quase todas as aulas).

Como coloca o autor: “Num ensino que segue o princípio da subjetivação do ensino, trata-se de encontrar medidas não-diretivas que formem de tal modo à situação de ensino que o grupo de alunos possa modifica-la e transforma-la de acordo com suas necessidades, motivado para o desenvolvimento da iniciativa própria e atividades produtivas”.(Idem: 25).

O autor, fala sobre as formas do ensino por descoberta e solução de problemas, como sendo, adequados para subjetivar o processo de ensino, como formas de transmissão que coloquem os alunos frente a tarefas e cita algumas que encontramos nas nossas aulas, por exemplo. “Interligar movimentos esportivos com - elementos estranhos ao esporte -numa ação esportiva, isto é, reconhecer e experimentar o meio com o movimento”.(Idem: 26). Como podemos observar na oitava aula, onde utilizamos cascas de frutos de uma paineira como bola ou objetos a serem lançados contra bexigas e garrafas de refrigerante.

“Arranjar as formas competitivas de tal modo que haja possibilidades de sucesso para cada participante”.(Idem: 26). O que foi vivenciado na décima primeira aula. Onde os alunos menos hábeis poderiam segurar rapidamente a bola ao invés de toca-la como no jogo de vôlei:

Então sugerimos que busquem soluções.

_ Como podemos jogar para que haja troca de bola?

_ Muita gente não sabe tocar. Diz um aluno.

_ E se pudesse segurar a bola? Sugere uma menina.

_ Assim não tem graça. Rebate outro garoto.

_ Digo que pode ser a solução e proponho que tentem jogar assim para ver o que vai sair.

Então voltam a jogar. Aqueles que querem podem segurar rapidamente a bola para depois passa-la. (Décima Primeira Aula).

“Na solução de um problema social, cooperar e comunicar-se reciprocamente e colocar-se na situação do outro aluno, entre muitas coisas”.(Idem: 26). Observado por nós, principalmente, na quinta aula, onde o medo de jogar “basquete” simultaneamente com os meninos jogando “futebol” foi superado com um diálogo entre o grupo e através da intervenção do professor, chegando a um consenso com todo o grupo, e tornou a atividade realizável:

Após conversa com os meninos acordamos em jogar juntos. As regras de convivência e interferência entre os jogos são discutidas durante o decorrer da atividade,... (Quinta Aula).

Completando, nos ensina o autor. “Esta forma de procedimento é característica – e aqui já entra um outro requisito metodológico importante para a realização do princípio da subjetivação do ensino – por colocar os alunos frente à tarefa de descobrir situações que correspondam às suas condições de poder-fazer. Eles encenam suas próprias vivências de poder-fazer, calculam e aumentam individualmente seu risco de movimento. Nossos exemplos práticos mostram que os alunos que aprenderam a organizar por si as situações nas aulas de Educação Física sabem avaliar, mas que os professores muitas vezes supõem, seus riscos de acidentes”.(Idem: 27) Como foi o caso da nossa quinta aula, citado a cima.

Durante as aulas colocamos sempre tarefas com o objetivo de estimular os alunos, a buscarmos soluções e com isto desenvolverem criatividade e não se bitolarem com a forma dos esportes e suas instalações. Utilizando o diálogo durante as aulas, como método de reflexão com a participação de toda turma ou em pequenos grupos. Respalado pelo autor: “A promoção de

processos criativos de reflexão e de ação é outro requisito para o ensino subjetivado. Para cumpri-lo, urge que o professor estimule os alunos, através da colocação de tarefas, a procurar novas relações entre os diversos sistemas (por exemplo, incluir os objetivos naturais de um bosque como galhos, ramos, pinhas, nas ações esportivas), a associar, a fantasiar, a refletir sobre prováveis soluções de problemas próximos e a externar suposições extravagantes; aproveitar idéias construídas sobre idéias de outros, a redireciona-las e a juntar materiais e movimentos esportivos para novos e inesperados modelos”. (Idem: 27 e 28).

Trabalhamos sempre em pequenos grupos e depois unindo todos em uma participação coletiva, como sugere o autor: “O fato de os alunos serem realmente capazes de agir autonomamente numa aula de Educação Física depende decisivamente, do quanto lhes são abertas possibilidades organizacionais para tanto. A formação de organização social mais importante aqui é o trabalho em pequenos grupos”.

Em momento algum, prendemos o conteúdo a formas de comportamento determinadas, vinculadas aos esportes tradicionais, ao ensino totalmente fechado, pelo contrário, buscamos sempre nas aulas, que estas estivessem de acordo com a vontade dos alunos, inclusive para não participarem, trabalhando todo tempo de maneira aberta, utilizando o ensino orientado no aluno para alcançarmos nosso objetivo pedagógico para esta experiência.

Como conclui o autor: “Deve ter ficado claro que o processo de ensino dos alunos será subjetivado quando os conteúdos do ensino da Educação Física forem modificados para se tornarem adequados aos alunos, isto é, preparados de modo a ocupar os alunos produtivamente de acordo com seus interesses e necessidades. Para isso são necessários, em primeiro lugar, métodos não-diretivos que dêem espaços de ação aos alunos e não os prendam a formas de comportamento determinadas. O aproveitamento sensato destes espaços de ação, contudo, não pode ser pressuposto pelo professor. O desdobramento quer autônomo quer em grupo, criando determinados fatores – criatividade, auto-responsabilidade, entre outros – deve ser estimulado pelo professor e promovido através do ensino”. (Idem: 29 e 30).

Esta concepção de ensino leva a um processo de aprendizagem tanto para os alunos como para o professor, abrindo espaço para poderem praticar e ao mesmo tempo ensinar nas mais diversas atividades, muitas delas originais. Mostrando-se extremamente apropriada para o ensino da Educação Física, com isto atingimos os objetivos determinados e superamos alguns dos problemas encontrados de forma criativa e participativa, concordando com o autor: “Se quisermos motivar os alunos a uma prática esportiva futura, não poderá faltar este tipo de aula na escola”.

No ensino aberto o aluno encontra argumentos, ferramentas, para continuar aprendendo, confiando em si mesmo e tendo despertado o prazer por conhecer e só o que desperta algum tipo de emoção e, que podemos vivenciar é que memorizamos com eficiência. Nenhum dom, inteligência, criatividade ou talento se desenvolverá, se privarmos o ser humano do convívio com outros seres humanos e suas produções. Como as escolas são em geral centradas no processo e na memorização de conteúdos, o aluno dispõe de pouco tempo para observar, fazer com as próprias mãos, decidir diante dos seus interesses, vivenciar, experimentar, conviver. Quando esperamos que tais situações sejam indispensáveis para o desenvolvimento de qualquer potencialidade humana, e é justamente isso que o ensino aberto promove, o experimentar de inúmeras maneiras sem regras e sem críticas ao modo de fazer. Deixando espaço livre para o poder-fazer, para o jogo de ações. Hoje, neste mundo cada vez mais informatizado, o bom professor será aquele que saberá selecionar conteúdos, orientar seu aluno pelos caminhos do saber, para que este diante de uma gama, cada vez maior, de informações, busque conhecer aquilo que lhe interessa e é exatamente este conhecer que lhe produzirá prazer crescente por

conhecer cada vez mais e assim sucessivamente, cabendo ainda ao professor despertar o prazer pela busca e construção do conhecimento. Entendendo que, o bom aluno é aquele que recebeu na vida, dentro ou fora da escola, instrumentos para ser criativo.

V) – Considerações Finais

Buscamos legitimar a disciplina, através do conteúdo próprio da área. Trata-se de uma mudança paradigmática. A Educação Física não pode continuar baseando-se em conhecimentos de outras ciências, e sim se fundamentar como ciência autônoma. Por isso acreditamos que a maior contribuição que temos a fazer no momento é trabalhar com concepções que acreditamos que possam justificar a Educação Física como disciplina, legítima e indispensável no currículo escolar, como gostaríamos que fosse, com corpo de conhecimento, com conteúdo, método e objeto. Escolhemos como tema desta monografia trabalhar diretamente com a Educação Física escolar e utilizando a concepção de ensino que nos pareceu mais apropriada, em busca do nosso objetivo maior, vivenciar o ensino da Educação Motora através da prática adequada. Trabalhamos os conteúdos de acordo com os princípios que caracterizam a disciplina como ciência autônoma, possuidora de um corpo de conhecimento próprio que a legitime, não só como disciplina obrigatória, mas como ciência. Concordamos com a denominação do professor Manuel Sérgio, Motricidade Humana como uma ciência autêntica tendo como seu ramo pedagógico a Educação Motora.

Muitos autores da área buscam denominar um novo conceito de Educação Física, por exemplo, a denominação Educação Motora, termo trazido até nós por Manuel Sérgio, relatada também por Le Boulch em “Pensando a Educação Motora”, conceituando-a como o ramo pedagógico da Motricidade Humana. Já o “Coletivo de Autores”, fala da cultura corporal como objetivo da Educação Física; termo criticado por Kunz “Transformação Didático-Pedagógica do Esporte”, onde levanta que o termo cultura corporal reforçaria a dicotomia de corpo e mente, tão indesejada pelos estudiosos da área, uma vez que se existe uma cultura corporal devem existir outras (por exemplo, culturas mentais), reforçando que não há cultura produzida pelo homem que não seja corporal. Sugerindo o termo cultura do movimento. Para nós, estas definições não devem gerar maiores problemas, a utilização de um termo ou outro. Walter Bracht, por exemplo, utiliza o termo cultura corporal do movimento. Acreditamos que esta discussão leva a um campo árido, um labirinto inerte, no qual não devemos nos prender, o termo, a dicotomia, não são os alicerces da proposta, aliás, não interessam tanto depois que haja a compreensão da proposta, dos seus elementos, argumentos, do seu conteúdo, da proposta na sua essência. Quando o que se busca é um salto qualitativo para a disciplina, seja ela denominada Educação Motora ou Educação Física, tendo, cultura do corpo, cultura física, cultura corporal, cultura do movimento, como sinônimos como propõe Medina, (1983: 11).

Defendemos que, quanto mais experiências tivermos, estaremos contribuindo para uma Educação Física digna de ser reconhecida como disciplina e aceita por estudiosos de todas as áreas, com um corpo de conhecimento e como ciência autônoma. Principalmente para os alunos, de modo que estes percebam a importância do que aprendem nas aulas e transportem para sua realidade enquanto sujeitos, agentes na sociedade como parte integrante, realizadora e consciente do mundo. A consciência transitiva crítica que fala Medina (1983: 25 à 26), (sendo a consciência transitiva crítica aquela, onde o indivíduo é capaz de transcender amplamente a superficialidade dos fenômenos e de assumir como sujeito de seus próprios atos e capaz de transforma-los). Este é o papel da educação de um modo geral, formar o indivíduo, capacitá-lo. A Educação Física possui conteúdos para serem desenvolvidos na escola, para que a formação e capacitação dos alunos seja mais completa. Como diz a professora Soares, Carmem: “Não temos um corpo, somos um corpo”, idéia compartilhada por Medina, (1983: 12). Completando com o pensamento do professor Freire, João: “Necessitamos de uma educação de corpo inteiro”.

A educação necessita deixar de ser meio de conseguir os interesses das classes dominantes, a serviço desta classe em detrimento das chamadas classes populares. A concepção aberta de aula faz com que o aluno na prática, a partir da vivência escolar, perceba, questione, tome partido e decisão ao encontro de seus interesses e necessidades. Fazendo com que a educação sirva igualmente a todos, (sem nos esquecermos da inclusão), pois por princípio forma o indivíduo crítico, político, criativo, autônomo, ao invés de oprimido e condicionado aos interesses dos dominantes. Esta deve ser a tarefa do dia a dia, de forma ininterrupta nas escolas. Almejando que nossa trajetória pelos caminhos da educação deixe marcas indelévels, não só no corpo, mas especialmente no “coração” de nossos alunos.

Após está experiência ficou evidente o quanto é forte o pouco caso com a disciplina (Educação Física), por parte da escola, da direção e até mesmo por professores. Ainda é marcante o consenso que a Educação Física é um espaço (para a dúvida se é aula) para relaxar, sem conteúdo, que não necessita de um planejamento, com ênfase nas modalidades esportivas, lugar para se formar futuros atletas, onde qualquer um que saiba algum jogo ou vigie bem os alunos está pronto para assumir as aulas. Pelo menos é o que transpareceu na vivência com esta escola.

De quem é a culpa? Na grande maioria das vezes da própria Educação Física, porque muito de tudo isto, ainda é realidade no ensino da Educação Física em muitos lugares. Não nos cabe agora encontrar os culpados, mas sim trabalharmos enfrentando qualquer tipo de resistência injusta que surja, sempre trabalhando com o que acreditamos ser o mais adequado e não nos distanciarmos dos nossos sonhos por dificuldades ou oposições, perseguindo nossos objetivos, que há pouco chamamos de sonhos, todos os dias, se não, corremos o risco de esquece-los ou parar de persegui-los.

Os reconhecimentos não ocorreram de uma hora para outra, todos sabemos disto. Talvez devido à qualidade questionável da grande maioria das faculdades e dos profissionais atuantes na área. Reforçando o consenso sobre a Educação Física, inclusive para os alunos, no caso desta experiência alunos de uma turma de 8^a. série, já acostumados e mais que isto habituados a uma Educação Física vazia, por inúmeros motivos. Os bons professores migram para empregos de melhor remuneração e são pequenos os interesses por uma disciplina, que a maioria não sabe quais são seus objetivos. E assim caminhamos a passos lentos, principalmente no ensino público, rumo a uma Educação Física que se justifique como disciplina, desenvolvendo conteúdos próprios e de grande importância na formação do indivíduo.

Portanto as mudanças ocorrerão mais depressa se continuarmos contribuindo sempre com o que acreditamos, fazendo, mostrando, facilitando, persistindo e a longo prazo estas mudanças que esperamos e hoje ocorrem vagarosamente, possam ser e passem a ser predominantes em detrimento de aulas vazias, dando lugar a aulas de verdade, com conteúdo, planejamento, organização, participação ativa dos alunos nas decisões, competição cedendo espaço para cooperação e respeito aos nossos conhecimentos, nossa área, nosso saber.

Saber, do latim, sapere. “ter gosto”, é isto que necessitamos, termos gosto por aquilo que acreditamos e defendemos, em busca dos nossos ideais. Uma Educação Física digna, plena, eficiente, autojustificável e obrigatória como disciplina escolar e para tanto, necessita de um profissional formado na área para exercê-la.

Referências Bibliográficas

- BETTI, Mauro. A janela de vidro. Campinas, S.P., Papirus, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- DE MARCO, Ademir. (organizador). Pensando a Educação Motora. Campinas, S.P.: Papirus, 1995.
- FREIRE, João Batista da Silva. Educação de corpo inteiro, São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HILDEBRANDT, R., LAGING, R. Concepções abertas no ensino da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- KUNZ, Eleonor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Ed. Unijui, 1994.
- LUDKE, M; ANDRÉ, M. – Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo, E. P. U., 1986.
- MEDINA, João Paulo Subirá. A Educação Física cuida do corpo... “e mente”. Campinas, S.P., Papirus, 1983.
- SÉRGIO, Manuel. Educação Física ou ciência da Motricidade Humana? Campinas, S.P., Papirus, 1991.
- TAFFAREL, Celi. Criatividade nas aulas de Educação Física. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro, 1985.
- VISÃO DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA. GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO. UFP/UFSM. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro. 1991.

ANEXO

DIÁRIO DAS AULAS (COM FOTOS)

1ª Aula (31/07): Iniciamos a aula, com chamada e identificando os alunos que ainda permaneciam na turma, trata-se do início do segundo semestre de 2000. Já tivemos experiência com a mesma turma no estágio supervisionado e a turma permanece praticamente a mesma.

Relatamos para a turma que utilizaríamos esta experiência, utilizando aulas abertas no trabalho de conclusão de curso a ser apresentado para cumprir a exigência da monografia em licenciatura plena em Educação Física.

A aula ocorreu ao ar livre. Inicialmente pedimos que fossem compostos grupos em média com cinco alunos em cada grupo, dizendo que trabalharíamos a maior parte do tempo utilizando o trabalho em grupo. Após a formação espontânea dos grupos, pedimos para que cada grupo anotasse o nome dos seus integrantes e entregassem para o professor.

O conteúdo programático para este bimestre é o handball. Mas não o utilizaremos necessariamente, apenas iniciaremos buscando trabalhar jogos semelhantes ao de handball, mas com o objetivo de trabalhar tomadas de decisão, criatividade e cooperação.

Em seguida apresentamos a tarefa, igual a todos os grupos:

(tarefa):

— Como podemos jogar? Inventem jogos onde todos possam jogar ao mesmo tempo, utilizando uma bola de plástico, tipo bola dente-de-leite.

Cada grupo apresentou suas idéias, sugestões de atividades, que foram anotadas em um quadro portátil (foto 03). Cada grupo sugeriu apenas uma atividade. Rapidamente todos em conjunto decidiram por praticar uma das atividades sugeridas. A atividade escolhida foi um jogo com todos que quisessem participar divididos em dois grandes times (oito meninos e duas meninas não participaram). Os times mistos com treze x doze integrantes jogam com o objetivo de fazerem gol utilizando a bola com passes com a mão, não se falou em regras, conforme o desenrolar do jogo, foram ocorrendo situações que necessitavam de regras, os participantes rapidamente as determinavam. Não poderia dar mais que três passos com a bola nas mãos, não vale driblar, para avançar é preciso passar a bola ao companheiro, podendo a outra equipe interceptá-la ao seu favor, sempre com o objetivo o gol que era defendido por um goleiro em cada equipe, não poderia fazer gol dentro da área. Jogamos por apenas dez minutos e não havia mais tempo para continuarmos. A atividade ocorreu sem muitas

interferências, somente sugerimos em determinado momento que só as meninas poderiam pontuar.

Encerramos a aula com uma rápida conversa, dizendo que continuaremos na próxima aula. Quando iremos conversar sobre as regras desse jogo, como surgiram, como podemos melhorar o jogo, dizendo, que podemos jogar com todos participando de uma maneira mais participativa e que passaremos a vivenciar as atividades sugeridas pelos outros grupos.

Pontos positivos

Entusiasmo em participar da atividade prática.
Participação da maioria.
Socialização das idéias.
Tomada de decisão.
Prazer pelo jogo realizado, todos se divertindo muito.

Pontos negativos

Dificuldade para formação dos grupos e envolvimento com a aula.
Alguns alunos não participaram do jogo.
Alguns alunos não compuseram o grupo como proposto

Os grupos:

Daniela	Diego da Silva	João Paulo
Keila	Alex	Caio
Elizângela	Gatti	Elder
Marília	Lucas Rafael	Vitor
		Fernando Gentil
Fernanda Garbo	Sérgio	Bruno
Fernanda Serafim	Jamil	
Thalita	Felipe	
Poliana	Thiago	
Stella	Michel	
Mariana		
	Allana	
Lucas	Amanda	
Rodrigo	Eluana	
Rafael	Patrícia	
Diego Victor		
Salustiano		



Foto 1-A turma



Foto 2- O espaço



Foto 3

2ª Aula (03/08): Iniciamos a aula na quadra. Diferente do previsto havia sugerido que iniciássemos na sala de aula, mas as aulas da quinta-feira são logo após o intervalo e os alunos já me aguardavam na quadra, alguns (cinco x cinco) jogavam futebol de salão, o restante aguardava o início da aula. Iniciamos dizendo que necessitaríamos fazer a chamada, por determinação da diretoria. Portanto tivemos que mudar o programado. Passamos a tarefa para o grupo do Sérgio, dizendo: como podemos jogar com esta bola, de modo que todos participem?

Lembramos da aula passada. Tivemos uma rápida recordação de como procedemos, e decidimos continuar do mesmo modo.

Foi sugerido um futebol de mãos, a turma dividida em dois times e começaram logo a jogar. As regras foram criadas durante o jogo, como na aula passada. Não poderiam bater a bola tendo que passa-la, não vale andar com a bola nas mãos, seguindo a maneira de jogar da aula passada. Apesar da aparente desorganização ou bagunça, todos estavam se divertindo muito e movimentando-se. As meninas um pouco mais contraídas em comparação aos meninos. Jogaram durante uns dez minutos, até nossa primeira intervenção (as meninas reclamavam que não estavam recebendo a bola). Portanto a determinação foi de que para se fazer gol era necessário que a bola passasse pela mão de uma menina e em seguida foi sugerido que só as

meninas podem marcar gol. Jogaram mais cinco minutos, quando pedimos aos times que se organizassem para jogarem de uma maneira mais tática. As meninas de um dos times ficaram no ataque, o que logo foi imitado pelo outro time. Atividade estava muito movimentada e divertida, com muitos gols. Quando colocamos mais uma bola em jogo:

_Agora está valendo com as duas bolas (uma de handball murcha e outra de vôlei, só na lona).

Jogaram por mais quinze minutos até próximo o final da aula. Pedimos para que os alunos pensassem o que gostariam de fazer nestas aulas, para discutirmos na próxima aula. Devido a não participação de alguns, então mais diretamente a estes, dissemos que pensassem o que gostariam de fazer nesta aula.

Pontos positivos

A aula foi bem movimentada e alegre.
A maioria participou.

Pontos negativos

Alguns alunos (quatro meninos) Após a chamada sumiram e não participaram. Outras duas meninas e dois meninos não participaram e ficaram assistindo o jogo.

(07/08): Não houve aula, reunião dos professores.

3ª Aula (10/08): Começamos a aula perguntando o que eles estavam achando da aula, a grande maioria disse que estavam gostando das aulas. As reclamações eram dos meninos que queriam jogar futebol de salão, como sempre. E uma das meninas disse que estava achando as aulas um pouco tumultuadas dizendo que deveríamos só jogar os esportes como tradicionalmente sempre fizeram, ou seja, vôlei para as meninas e futebol para os meninos.

Pedimos aos grupos que expressassem suas opiniões, quanto mais sugestões melhor seria para a continuidade das nossas aulas.

As sugestões foram: jogar vôlei, queimada, ping-pong, não fazer nada.

Então propusemos para fazermos todas as atividades em forma de circuito (inclusive não fazer nada). Onde os alunos passariam por todos os jogos. Conforme o erro no ping-pong, que era jogado em duplas, a dupla que perdia o ponto mudava de atividade, realizando um rodízio (foto 04). A idéia foi aceita, mas jogamos muito pouco. Devido a um forte vento tivemos que mudar a atividade. Reunimos todos na quadra, colocamos um plinto no centro da quadra. E passamos a tarefa para o grupo do Lucas (mas sempre todos podem opinar):

_Como poderíamos jogar de modo que todos participem com apenas uma bola?

Mais uma vez o grupo sugeriu um jogo semelhante ao handball com algumas modificações. O gol valeria dois pontos e se a equipe que tivesse a posse da bola conseguisse realizar dez passes sem que a outra equipe tocasse a bola, marcariam um ponto (trata-se de “Passe Dez” mais handball com gol valendo dois tentos). Todos os demais concordaram e começaram a jogar, já passados trinta minutos de aula. O jogo começou com as meninas com menos movimentação, até propormos que os pontos deveriam ser concluídos pelas meninas (em um time havia cinco meninas e em outro seis, o restante era composto por onze meninos em cada time). Jogaram por dez minutos. Quando dissemos que o plinto não era só um obstáculo no centro da quadra, sendo agora o alvo do jogo, que esquecessem o gol. Uma face maior do plinto voltada para um lado da quadra seria o alvo de um dos times e a face oposta o alvo do outro time. Gostaram da idéia e começaram a jogar, após muita brincadeira com a palavra plinto, muitas risadas. Os times não se preocupavam em marcar os adversários, ou compor defesa, só havia atacantes, era gol pra todo lado, não nos preocupamos com a marcação dos pontos. Colocamos uma bola murcha sobre o plinto, sem dizer nada, e os alunos começaram a tentar acertar a bola. Não valia invadir o grande círculo central da quadra. Decidiram que, se acertassem a bola valeria dois pontos e a face correspondente a cada equipe apenas um ponto. Todos se movimentaram muito, agarrando quem estava com a bola, transformando numa grande brincadeira.

A aula acabou com todos correndo, agarrando-se na tentativa de conseguirem a posse da bola, ou tentarem impedir que quem estivesse com a bola prosseguisse. Novamente só as meninas poderiam marcar, assim elas poderiam participar mais ativamente do jogo.



Foto 4

Ponto Positivo.

Cada vez mais alunos participando.

Ponto Negativo.

Tivemos que direcionar muito a aula.

4ª.Aula (14/08): Iniciamos na sala de aula. Conversando sobre as aulas passadas, e como deveríamos continuar.Há um consenso de que devemos continuar, do mesmo modo que estamos fazendo.Conversamos mais claramente em relação aos nossos propósitos, com a aula.Accreditamos que estejam compreendendo melhor o que buscamos, aulas centradas nos objetivos dos alunos, buscando desenvolver, tomada de decisão, autonomia e cooperação.

Fomos para quadra, pedimos para que reunissem em seus grupos.Colocamos todas as bolas à disposição dos alunos, dividindo entre os grupos, foi possível deixar uma bola por grupo, para que eles jogassem livremente.Após uns sete minutos, passamos o recado para pensarem e colocarem em prática, jogos que depois poderíamos jogá-los com a participação de todos. Deixamos que praticassem por mais dez minutos, já faltando quinze minutos para o final da aula pedimos para que mostrassem seus jogos, cada grupo apenas sugeriu apenas uma atividade, todas elas mutações dos esportes tradicionalmente praticados nas escolas.Concordaram em praticar o jogo proposto pelo grupo do Alex.(Apenas três alunos não participaram é a maior adesão desde o início do trabalho).

Mais uma vez o alvo era o gol, sugerimos que colocássemos as gavetas dos plintos em cada área como alvos, sem goleiros e a área não podendo ser invadida. A proposta foi aceita, demos início ao jogo.

Todos estão bastante motivados e correndo. O jogo é uma tradicional “pelada” de futebol, mais uma vez as meninas não recebem com frequência a bola, então entregamos uma bola para elas e dissemos que agora tínhamos duas bolas em jogo, e logo em seguida colocamos a terceira bola em jogo. O jogo foi três x dois para os pares, (foi proposto que jogassem ímpares versus pares). O jogo foi bem movimentado, trombadas, quedas, risadas, passes, chutes ao alvo. Tanta satisfação, que não queriam parar mesmo após ter tocado o sinal. Concedemos, mais trinta segundos, até encerrarmos o jogo, dizendo que poderíamos continuar na próxima aula.



Foto 5

Pontos Positivos

Grande participação.
Foi nossa melhor aula.
Motivação.

Pontos Negativos

Os meninos querendo impor-se as meninas.
Sugestões simples.

5ª. Aula (17\08): O início da aula estava bem tumultuado, os meninos querem a todo custo jogar futebol. Inclusive já estão jogando futebol de salão. Deixamos o jogo continuar, mas pedimos que o restante dos meninos também jogue, não importando o número de jogadores.

As meninas ficam de fora e conversamos com elas, sobre o que poderíamos fazer, pedimos sugestões de atividades em grupo, as idéias surgem, mas não há consenso. Sugerem desde não fazer nada até jogar basquete ou vôlei. O problema é a falta de espaço, quando concluem que gostariam de jogar basquete. Sugerimos que joguem simultaneamente com os meninos, no mesmo espaço físico. A princípio ficam com receio. Dizendo que é perigoso jogarmos simultaneamente com os meninos jogando futebol.

— Vamos nos machucar, professor!

Respondemos, concordando que há um risco, mas que vamos conversar com os meninos para evita-los ao máximo. Dissemos que toda atividade física envolve riscos, por menores que sejam estes eventuais riscos e que devemos procurar meios para evita-los. Então resolvemos os problemas iniciais e começamos a jogar. Após conversa com os meninos acordamos em jogar juntos (foto 06). As regras de convivência e interferência entre os jogos são discutidas durante o decorrer da atividade, até que os times se interagem transformando os quatro times em dois, todos

participando, buscando alcançar os objetivos dos dois jogos, fazendo gols e cestas. Logo os meninos se interessam mais pela bola de basquete, e algumas meninas mais atrás da bola de futebol, o jogo dura uns vinte minutos. O jogo foi muito corrido, os alunos se mostram exaustos e bastante suados.



Foto 6

A professora substituta observa a aula e comenta.

- Até você Marília.
- Sim.

Responde a Marília.

Sugerimos um alongamento, alguns alunos topam e realizam os exercícios. Recomendamos que todos tomem água. A aula termina em clima de euforia.

Pontos Positivos

Estão respeitando as decisões da maioria.
Tomada de decisão.
Boa participação e motivação.

Pontos Negativos

Os meninos continuam querendo impor suas vontades.

6ª. Aula (21\08): Começamos na sala de aula. Sugerimos que os grupos trabalhem textos trazidos pelo professor (textos extraídos de jornais, revistas e livros). Todos relacionados com, educação, corpo, Educação Física, anabolizantes, olimpíadas, etc.

Os alunos se mostram insatisfeitos com a proposta e não querem o trabalho na sala de aula, querem jogar, movimentar-se. Gritam:

_ Vamos para a quadra. Queremos jogar futebol.

_ É aula de física, professor, não de texto.

Então mudamos o planejado, vamos para a quadra. Abrimos para o grupo da Fernanda a proposta:

_ Proponham atividades que possamos jogar todos juntos.

A idéia sugerida é o futebol de casais. De início há uma resistência por parte dos meninos. Dizendo que não vai dar certo.

_ Como vamos jogar de mãos dadas? (João Paulo).

Após um diálogo com todos e uma certa dificuldade para iniciar a atividade, conseguimos doze duplas. Jogaremos seis duplas contra as outras (todas as duplas formadas são mistas). Participamos diretamente para completar um dos times.

O jogo tem início. Jogamos por uns dez minutos, não havia goleiros, só poderia fazer gol dentro da área. As duplas estavam desorganizadas, todos correndo simultaneamente atrás da bola e os casais, a maioria, encontrava dificuldades de coordenação. Mesmo assim, o jogo estava muito animado. Em uma breve parada, sugerimos ao nosso time posições mais definidas na quadra, e também sugerimos que buscassem melhor entrosamento entre as duplas, deixando a dica para as duplas entre si combinarem seus movimentos, principalmente na hora de chutar e deslocar-se. O jogo estava três a três quando todos resolveram jogar com os pares desfeitos. Continuamos a jogar sem interrupção. Algumas alterações são sugeridas pelos alunos. Combinam que só as meninas podem marcar (sugestão das meninas é aceita). O jogo ocorre de modo mais satisfatório que das outras vezes, estão mais organizados, mantêm mais fixas as posições, os gols ocorrem de jogadas trabalhadas e definições por parte das meninas, que demonstram enorme satisfação quando marcam um gol. Comemoram e dão muitas risadas, inclusive com os erros cometidos, provocados por falta de habilidade com o jogo com os pés. Jogamos por mais uns dez minutos até o final da aula.

Pontos positivos

A cooperação melhorou.

Estão compreendendo cada vez mais o processo.

Os alunos estão decidindo o que querem fazer, com mais facilidade.

Pontos negativos

Muitos não participaram.

Perdemos muito tempo de aula com discussões.

(24/08): Dia do folclore, com toda as turmas da escola participando em atividades variadas.

7ª Aula (28/08): Hoje choveu durante a aula. Portanto a aula foi na sala. Novamente trouxemos os textos, extraídos de jornais, revistas e livros. Os temas abordados eram: escola, educação, Educação Física, esportes de alto rendimento, drogas, sexualidade, saúde (obesidade, acne, hipertensão, proteção solar, obsessão por exercícios, sedentarismo, atividade física).

Pedimos para que se reunissem em grupos. Distribuimos aleatoriamente os textos pelos grupos. No primeiro momento pedimos para que lessem os textos e discutissem no grupo, posteriormente pedimos para que os grupos apresentassem o que leram para o restante da turma, neste momento organizamos a turma em um grande círculo. Os temas sugeriram discussão, todos queriam falar, principalmente quando se tratavam de temas como drogas e lutas, em outros temas ficavam quietos, inclusive o próprio grupo como no caso da sexualidade, onde o grupo formado só por meninas, não quis expor o que haviam lido, com uma certa vergonha, o que respeitamos, mas de um modo geral a classe ironiza a situação. Em todos os temas colocamos nossa opinião. A aula passou rapidamente, Tínhamos muitos temas, que sugeriram discussões e tivemos pouco tempo, mas acreditamos que a aula foi de grande valia, pois surgiu o interesse por muitos temas que são específicos da nossa disciplina.

Pontos positivos

Trabalhamos questões relacionadas ao conteúdo específico da Educação Física e também os temas transversais.
Todos participaram.

Pontos negativos

Dificuldade de conseguir envolvimento com a atividade sugerida.
Alguns alunos demonstram nenhum interesse pelo estudo teórico na disciplina, talvez por tradição.

(31\08): Não houve aula.

8ª.Aula (04\09): Iniciamos a aula na quadra. Não tínhamos acesso a sala de materiais, a chave da mesma foi perdida.

Tínhamos um saco de bexigas, pegamos cascas de frutos de uma Paineira, alguns galhos caídos, garrafas de refrigerante e uma bola plástica.

Sugerimos que jogássemos com o que possuíamos, ou alguma atividade que não necessitasse de material.

Foi proposto por algumas meninas, uma brincadeira, que nos serviu de aquecimento. Chama-se “Pezinho”. Formamos um grande círculo, todos com os pés unidos no centro, pronuncia-se soletrando, pé-zi-nho, e ao pronunciar cada sílaba, todos mudam de posição, mas permanecem próximos com o objetivo de pisar no pé

daquele que esta a sua direita na roda, quem tiver o pé pisado, sai da brincadeira até sobrar um vencedor. Após o movimento para tentar pisar o pé do outro, deve-se permanecer no lugar só podendo retirar um dos pés, ficando um de apoio e o participante da sua esquerda aproveita-se da oportunidade e tentará pisar no seu pé, podendo você tentar escapar do pisão, mantendo um dos pés imóvel.

Após esta brincadeira, pedimos para que sugerissem como poderíamos jogar com o que dispúnhamos no momento. Iniciamos com a bola sendo chutada aleatoriamente, corriam para apanhá-la e chutá-la novamente e assim sucessivamente. Então sugerimos, que jogássemos em dois times e dentro da quadra. O jogo ficou assim, o time chutava a bola para o alto e antes que esta tocasse o chão da quadra, um integrante do time adversário conseguisse domina-la, marcaria ponto para sua equipe. O jogo foi muito corrido e motivante. Até que aqueles que não conseguiam pegar a bola foram ficando desmotivados e sugerem que mudemos de atividade.

Resolvemos mudar. Pegamos as bexigas e distribuimos (os garotos não queriam bexigas cor-de-rosa). Todos com suas bexigas e após enche-las, começaram a brincar, jogavam para o alto, corriam atrás das bexigas, estouravam, outros colocaram água e jogavam para cima ou em outros colegas. Acabamos coibindo as brincadeiras com água e sugerimos que jogássemos na quadra. Amarramos com ajuda dos alunos uma bexiga em cada aro do basquete e voltamos a jogar com a bola plástica. Tínhamos onze alunos em um time e o outro com dez. O objetivo do jogo proposto era, através de passes entre seus parceiros, acertar a bexiga, estourando-a vale três pontos, a cesta vale dois, acertar a bexiga sem estoura-la vale um ponto. Jogamos até o final da aula. Todos que participavam mostraram grande envolvimento com a atividade. Ao final conversamos com os que jogavam, sobre o nosso jogo e as semelhanças e diferenças do nosso jogo com o basquete tradicional.

Pontos positivos

Grande empenho na atividade.

Improvizamos, sem possuir o material convencional.

Tomada de decisão.

Pontos negativos

Mais de quinze alunos não participaram

desta última atividade e ficaram

badernando com as bexigas cheias

de água pela escola.

(07/09)-Feriado.

9ª Aula (11/09): Iniciamos comentando sobre as olimpíadas e o desempenho brasileiro nestes jogos, conversamos sobre patriotismo, hino nacional, competição e fuso horário (Brasil-Austrália).

Estamos na sala de aula. A chave da sala de materiais esportivos ainda encontra-se perdida. Trazemos conosco, corda, jogo de dardos, peteca, taco e bolas, duas bolas de basquete e uma bola de vôlei.

Antes de liberar o material, os alunos já estão ansiosos para tomarem posse do material que mais lhes interessam. Sugerimos que façamos alongamento, começamos o alongamento e vamos pedindo que os alunos mostrem posições de alongamento que conhecem. A sessão é interrompida quando já no final sugerimos alongar a lombar (na posição em pé, flexionando o tronco, buscando abraçar as pernas), devido ao preconceito com esta posição começam as brincadeiras e passamos para as atividades.

Cada aluno busca fazer a atividade que mais lhe agrada, formando grupos que jogam peteca, taco, 21 no basquete e forma-se no centro da quadra um círculo que joga com a bola de vôlei (cinco toques consecutivos e alguém corta com o objetivo de queimar o outro, para elimina-lo e este se segura a bola elimina aquele que cortou) (foto 07). A presença de materiais alternativos levou os alunos a uma iniciativa imediata, indo de encontro aos seus interesses buscando cada vez mais o que querem fazer. Já tomaram a iniciativa de forma espontânea e assim também mudavam de atividade livremente. Todos participaram de alguma forma, em pelo menos uma atividade, ninguém ficou sem participar. Deixamos que pratiquem livremente, só sugerimos que procurassem vivenciar o maior número de atividades possível de acordo com suas vontades e motivação. A maioria se mostrou motivada com a presença de materiais não convencionais.

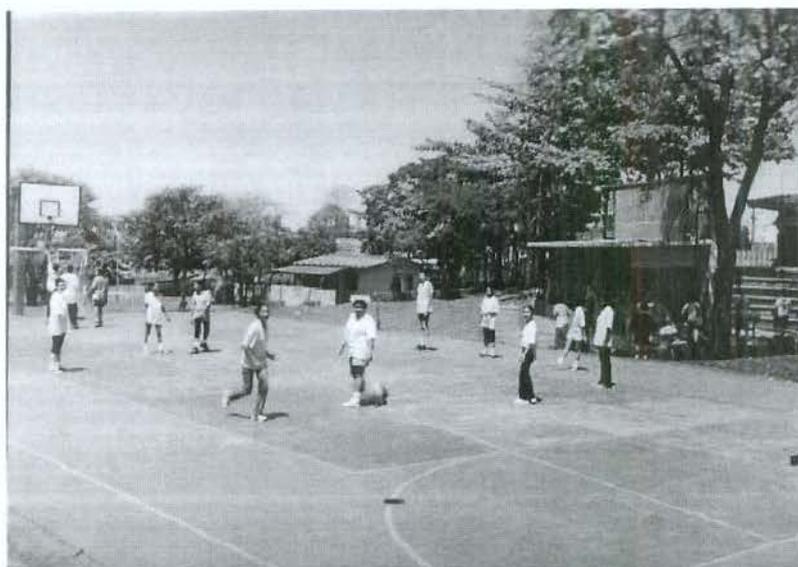


Foto 7

Pontos positivos
 Todos participaram.
 Decidiram livremente de

Pontos negativos
 Preconceitos tolos para com o corpo
 e o movimento, sempre afloram.

acordo com seus interesses. Estamos aprendendo, uns com os outros, hoje aprendemos com a questão do alongamento.

A demora em providenciarem a chave da sala de materiais, deixa uma boa parte dos alunos insatisfeitos.

10ª Aula (18/09): Hoje faz muito calor. Apresentamos um folheto informativo sobre o melanoma, após uma breve conversa sobre câncer de pele e a leitura do folheto, reforçamos a importância do protetor solar (as aulas são das onze e dez até ao meio dia).

Colocamos a disposição dos alunos todo material disponível na sala de materiais esportivos e mais os que trazemos para a escola (peteca, jogo de dardos, uma bola de basquete, tacos e bolinhas de ping-pong que faltavam para completar o jogo da escola).

Começamos a parte prática com os alunos decidindo o que queriam realizar. A cada aula os alunos estão percebendo cada vez mais, como devemos proceder com liberdade e buscam com autonomia o que querem fazer.

Um grande círculo é formado no meio da quadra, e com a bola de vôlei jogaram livremente alguns jogos, com variações que surgiam no grupo. Quatro garotos jogam taco. Na mesa de ping-pong temos oito alunos e uma aluna, em um outro ponto da quadra seis meninos jogam com a bola de basquete e utilizam o plinto para conseguir alcançar o aro e assim enterrar e pendurar no aro, o que faziam com muita satisfação. No outro canto da quadra, sete alunos (quatro meninas e três meninos) jogam com a bola de futebol, fazem chutes ao gol e jogam “controle” (o goleiro contra os jogadores de linha). Outros sete alunos jogam dardo (foto 08) apoiando o alvo em uma árvore. Quatro meninas jogam peteca em um gramado com uma rede divisória.

Sugerimos que façam rodízio entre as atividades, alguns alunos livremente já mudavam de acordo com sua vontade. Isto ocorreu durante toda aula.

Interessante foi observar que os alunos mais aptos explicavam técnicas e regras aos interessados em aprender como fazer (foto 09), além de poder verificar como faziam aqueles que dominavam melhor o movimento exigido nas diferentes atividades, tendendo a imitá-los. Os alunos mostram-se muito satisfeitos com a dinâmica da aula que estava muito movimentada, variada e aberta aos interesses dos alunos. Tamaña motivação a ponto que mesmo após o sinal, a maioria permaneceu jogando com a intenção de terminar o jogo. Passávamos em todas as atividades participávamos e sugeríamos que eles buscassem melhorar sempre o jogo.

Foi, até agora, a aula com maior participação nas atividades práticas (cem por cento). Provavelmente, a aula mais divertida, todos participaram de acordo com seus interesses, apesar do calor intenso ninguém parou de jogar, em alguns momentos reclamavam do calor, mas não deixavam de jogar.



Foto 8

Pontos positivos.
 Grande participação.
 Cooperação e respeito entre os participantes.
 Decisão de acordo com a aula aberta.



Foto 9

Pontos negativos.
 Calor intenso, no horário da aula.

11ª. Aula (21\09): Iniciamos a aula na quadra. As meninas dizem que faz muito tempo que não jogam vôlei, apesar da resistência de alguns meninos, que como sempre querem jogar futebol. Acatamos o pedido das meninas e montamos a rede de vôlei, alguns meninos não querem participar e solicitam a mesa de ping-pong, entregamos todo material para este jogo e um grupo de mais ou menos nove alunos passam a aula jogando ping-pong (foto 10). Com um grupo de vinte alunos, iniciamos o trabalho na quadra, começamos dizendo para que dividam os times, metade em cada lado da quadra. Pedimos que joguem com uma bexiga revestida com um pano, este material permite que a bexiga viaje no ar mais rápido, que sem este revestimento, mas muito mais lenta que uma bola de vôlei, permitindo maior tempo com a bola em jogo. O jogo está ocorrendo como o desejado todos animados e decidindo as regras do jogo em conjunto sem maiores problemas. Não há vantagens, os pontos são diretos, para iniciar após cada ponto, eles lançam a bexiga para o outro lado da rede de dentro dos limites do seu campo, não há a necessidade de sacar do fundo da quadra como no jogo tradicional. A bexiga estourou, e só temos mais uma, realizamos a substituição e retornam ao jogo, mais três pontos e novamente, agora de propósito estouram a bexiga, os próprios alunos ficam zangados com aquele, que fez a ação.

Entregamos a bola de vôlei, e voltam a jogar. Desta vez o saque é do fundo da quadra as outras regras permanecem, acontece que não há mais “ralis”, dificilmente ocorre troca de bola entre as equipes. Então sugerimos que busquem soluções.

_ Como podemos jogar para que haja troca de bola?

_ Muita gente não sabe tocar. Diz um aluno.

_ E se pudesse segurar a bola? Sugere uma menina.

_ Assim não tem graça. Rebate outro garoto.

_ Colocamos que pode ser a solução e sugerimos que tentem jogar assim para verificar o que vai ocorrer.

Então voltam a jogar. Aqueles que querem podem segurar rapidamente a bola para depois passa-la. Jogam dois setes de quinze pontos, com cada time vencendo um dos setes. Não há mais tempo, toca o primeiro sinal, mas todos querem o desempate.

_ Vamos jogar até cinco. É a sugestão dos alunos.

Concordamos que joguem, mas até três, para desempatarem. Os alunos concordam e colocam a bola em jogo, rapidamente o jogo acaba com três a zero e a equipe vencedora sai fazendo festa.



Foto 10

Pontos Positivos

Tomadas de decisão.

Liberdade nas aulas.

Pontos negativos

Muitos não participaram.

Os meninos continuam querendo impor suas vontades.

28\09: Não houve aula

02\10: Após a eleição, somente três alunas compareceram à aula e não iremos descrever este encontro.

Comunicaram que as nossas aulas agora serão toda segunda-feira, no primeiro e no último horário.

09\10: Dia aberto à participação de todos os alunos da escola, em atividades abertas, ficamos responsáveis pelos jogos. Mas não vem ao caso descrever este dia de atividades.

12^a. Aula (23\10): Esta será a última aula descrita neste trabalho. Devido ao cronograma deste trabalho, apesar das aulas continuarem até o final do ano letivo.

Hoje, começamos deixando livre para praticarem, o que quiserem. Os alunos pegaram todas as bolas disponíveis na sala de materiais (duas bolas de basquete, duas de vôlei, uma de handball). Saem brincando livremente pelos espaços da escola.

Perguntamos o que devemos fazer antes de iniciarmos uma atividade física. Respondem que devemos fazer alongamento e aquecimento.

Escrevemos no quadro as sugestões. Alongamento, aquecimento, basquete coletivo.

Começamos pedindo para que cada um mostrasse exercícios de alongamento, que conhecessem e completamos a série.

Após o alongamento, começamos uma brincadeira de “pega-pega” sugerida, por algumas alunas. Sugerimos que poderíamos fazer “pega marchador” sobre as linhas da quadra, depois dissemos que era “pega ajuda”, e por último, foi sugerido um “pega corrente” (foto 11).

Depois destas atividades, dividimos os times, só seis meninas resolvem participar, portanto dividimos em três para cada time, o restante completado por oito meninos para cada lado.

O jogo proposto é um basquete tipo “rachão”. Damos início ao jogo com bola ao alto, no começo o jogo estava bastante tumultuado, todos desorganizados atrás da bola. Quando interrompemos e perguntamos como poderíamos jogar sem que isto ocorresse, todos de uma só vez atrás da bola. Foi sugerido, que não se poderia manter a posse da bola, deveriam após recebe-la passa-la rapidamente, não valia mais bater a bola (só para domina-la). Após cinco minutos de jogo, houve a necessidade de sugerirmos, mais uma vez, que os pontos marcados por meninas valessem mais que os dos meninos, concordaram e as cestas das meninas valeriam quatro, enquanto as dos meninos, apenas dois pontos.

Jogamos por mais uns dez minutos, quando não havia mais tempo para continuarmos.

As meninas fizeram três cestas em um dos times e uma cesta pelo outro time o que foi decisivo para a vitória do primeiro time. O jogo foi bem movimentado e divertido. Encerramos comentando o jogo, e os alunos concluindo que as cestas feitas por meninas decidiram o jogo.



Foto 11

Pontos Positivos.

Decidiram o que fazer e o como fazer.
O jogo foi bastante movimentado.
Todos que participaram estão envolvidos.
Cooperação para que as meninas
pontuassem.

Pontos Negativos.

Poucas meninas participa-
ram .

Orientador

Arguidor